

A DOENÇA DA SAÚDE

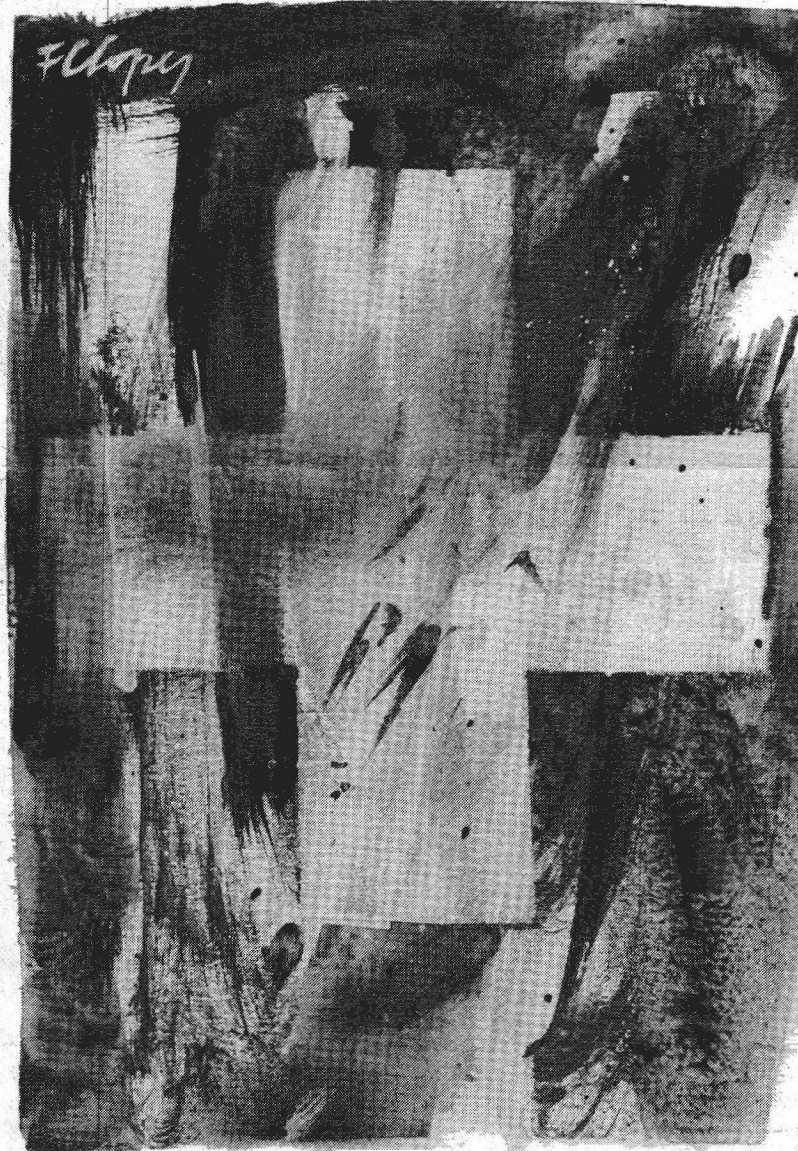
José Aristodemo Pinotti

O desespero de encontrar caminhos para a solução dos nossos gravíssimos, crônicos e cada vez piores problemas de saúde tem levado, no contexto do neoliberalismo colonial de plantão, a uma liberdade tão elástica de novas fórmulas — entre absurdas, inconsistentes, pontuais e mal intencionadas — que prevejo grandes dificuldades para se achar o rumo certo, que, quero afirmar, existe e é simples.

Em uma das conversas que tive com o senador José Serra, pouco antes de ele assumir o Ministério, sua excelência expressou esse conceito em uma frase: “Pinotti, com a mesma convicção que você defende suas idéias que me impressionam positivamente, eu ouvi meia dúzia de outros que, com idéias diferentes, também me impressionaram da mesma forma”.

Nos diálogos que tenho tido com o diretor da Faculdade de Medicina da USP, professor Marcello Marcondes Machado, percebo a mesma dificuldade: “Pinotti, você tem um compromisso com o Sistema de Saúde como um todo, o meu é com esta faculdade e com o seu funcionamento”, diz Marcello, quando permite o atendimento de doentes privados pelo Hospital das Clínicas.

Cito dois exemplos de pessoas competentes, honestas e bem intencionadas que, a meu ver, exprimem perplexidade. Poderia citar centenas de outros que tentam usar a situação de indefinição e permissividade para obter lucro, não com o seu trabalho profissional dentro da medicina liberal, mas fraudando, deixando de atender, cobrando o que já foi pago, explorando o trabalho profissional



alheio e fazendo da saúde uma mercadoria.

Um sistema de saúde bem estruturado, que mediante a descentralização (real e não semântica) suscitasse o controle social e com a delegação de funções conseguisse

a universalidade, corrigiria gradativamente todas as distorções que não podem e nem devem ser enfrentadas pontualmente. Começo já dizendo que nada tenho contra a saúde como profissional liberal ou contra a convivência entre o siste-

ma público e o privado, mas é preciso garantir em ambos, por intermédio da supervisão do governo, um posicionamento ético onde o paciente seja o principal objetivo.

Aqueles que perguntam se há solução possível para o sistema, eu direi que sim, e que o problema principal é gestão. A prova disso é que o Brasil, gastando R\$ 250 por habitante/ano, tem índices de saúde muito inferiores a Cuba que gasta apenas US\$ 95 e registra mortalidades infantil e materna respectivamente cinco e trinta vezes menores que as nossas. É interessante notar que esses 95 dólares por habitante/ano representam para Cuba 7% do seu PIB, o que demonstra vontade política e prioridade. No Brasil, o governo federal coloca apenas 1.7% do PIB em saúde.

A enorme dificuldade à nossa frente é a de organizar a saúde com solidariedade e como direito, em um país onde o neoliberalismo é praticado de forma selvagem, sem qualquer preocupação ética de traçar uma linha entre as coisas que podem ser privatizadas e vendidas ao cidadão nesse processo de supressão de um “Estado de bem-estar social”, que não chegou a existir concretamente, e as que devem permanecer e serem reforçadas como direito, entre as quais incluem saúde. Por isso, ousar dizer que, para organizar um sistema eficiente, em moldes corretos, o ministro Serra terá como principal obstáculo os princípios do próprio governo.

■ José Aristodemo Pinotti, ex-secretário de Saúde e de Educação de São Paulo e ex-reitor da Unicamp, é professor titular de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da USP e deputado pelo PSB paulista